

Museus da Comunidade Nikkei no Brasil

Newton Ribeiro Machado Neto

Universidade de Brasília (UnB)

Palavras-chave: Museu. Museologia. Museografia. Imigração Japonesa. Comunidade *Nikkei*.

RESUMO

A comunidade *nikkei* reúne os imigrantes japoneses que vieram para o Brasil e seus descendentes. Entre as iniciativas para uma maior coesão da comunidade, a partir dos anos 1970 as associações *nikkei* criaram museus para registrar as memórias das dificuldades vividas pelos pioneiros e disseminar sua narrativa histórica da imigração. Estes museus, ao mesmo tempo históricos e comunitários, conservam os vestígios materiais e imateriais da imigração, focando a superação das dificuldades iniciais e os atributos da identidade cultural *nikkei*. A crescente integração dos descendentes e o distanciamento das novas gerações enfraqueceram os laços comunitários. Ao mesmo tempo, há maior interesse pela cultura japonesa por jovens não-*nikkei*. Estes movimentos trazem desafios para os museus da imigração japonesa, redefinindo seu papel, seu público e seu discurso museográfico.

Keywords: Museum, Museology. Museography. Japanese Immigration. *Nikkei* Community.

ABSTRACT



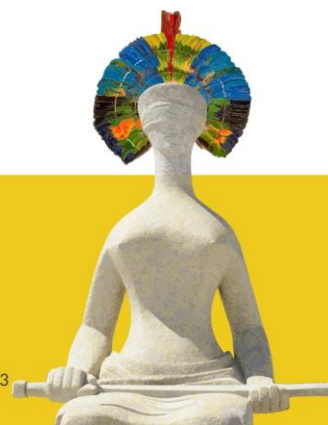
The Nikkei community brings together the Japanese immigrants who came to Brazil and their descendants. As an initiative for greater community cohesion, Nikkei associations have created museums to record the memories of their pioneers, and to disseminate their narratives on the immigration to Brazil. These museums, both historical and communal, preserve the material and immaterial vestiges of immigration, focusing on the overcoming of the initial struggles and on the attributes of *Nikkei* cultural identity. The increasing integration of the descendants and the distancing of the new generations has weakened the community ties. At the same time, there is greater interest in Japanese culture by non-*nikkei* youths. These movements bring new challenges to Japanese immigration museums, leading to a redefinition of their role, audience and museographic discourse.

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



INTRODUÇÃO

As vitrines do Museu Histórico da Imigração Japonesa, no coração do bairro paulistano da Liberdade, exibem objetos bem distantes do dia-a-dia de seus frequentadores, na maioria descendentes de japoneses. Fotos antigas, documentos escritos em caracteres nipônicos e modelos de navios aparecem ao lado de ferramentas agrícolas, animais empalhados e uma rústica cabana de madeira, com chão de terra batida, teto de palha e com paredes enfeitadas com algumas poucas lembranças trazidas do outro lado do mundo. Nada aqui lembra a imagem de modernidade e avanço tecnológico que é geralmente associada ao Japão de hoje.

A narrativa apresentada pelo museu começa na chegada dos primeiros imigrantes que vieram do Japão para o Brasil, nas décadas iniciais do século XX. A expografia⁴⁹⁷ destaca as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes para adaptar-se à nova vida numa terra estranha e hostil, a superação dos desafios e a conquista de um espaço na sociedade brasileira. É para conhecer, entender e relembrar estes primeiros anos da imigração, e assim compreender melhor sua própria origem, que as novas gerações de descendentes de japoneses visitam hoje o museu.

Este trabalho tem por objetivo identificar o papel dos museus históricos na preservação da memória da imigração japonesa e seu papel na construção e disseminação de um sentido de identidade própria da comunidade *nikkei*,⁴⁹⁸ baseada em atributos positivos e em um passado comum de estoicismo e superação, reforçando seu processo de integração social e diferenciando-a de outros

⁴⁹⁷ “Técnicas ligadas às exposições, estejam elas situadas dentro de um museu ou em espaços não museais” (DESVALLÉES, 2013. p. 59).

⁴⁹⁸ O termo Nikkei é utilizado na língua japonesa para designar os japoneses que emigraram para outros países e seus descendentes (JAPANESE AMERICAN NATIONAL MUSEUM, s.d.).



4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRÁSILIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

grupos étnicos e culturais. Serão analisados os antecedentes da imigração japonesa para o Brasil, seguidos de uma conceituação de museu e da tipologia dos museus da imigração. Em seguida, será feita uma descrição de três instituições representativas dos museus da comunidade *nikkei*, apresentando sua contribuição na construção e reforço de uma identidade própria para os japoneses e seus descendentes.

A IMIGRAÇÃO JAPONESA PARA O BRASIL

O fim da escravidão, com a assinatura da Lei Áurea em 1888, trouxe para as fazendas de café a necessidade de buscar novos trabalhadores. A contratação de imigrantes estrangeiros apresentou-se como a alternativa mais viável, já que a crescente demanda por mão de obra coincidia com a existência de um contingente populacional de alemães e italianos dispostos a emigrar, fugindo das guerras e da crise econômica em seus países. As iniciativas de cafeicultores paulistas para atrair imigrantes europeus, realizadas desde antes da Abolição, deram lugar a ações estruturadas pelo governo da Província de São Paulo e pela Sociedade Promotora da Imigração, que passou a recrutar e financiar a vinda de agricultores estrangeiros e suas famílias para o Brasil.⁴⁹⁹

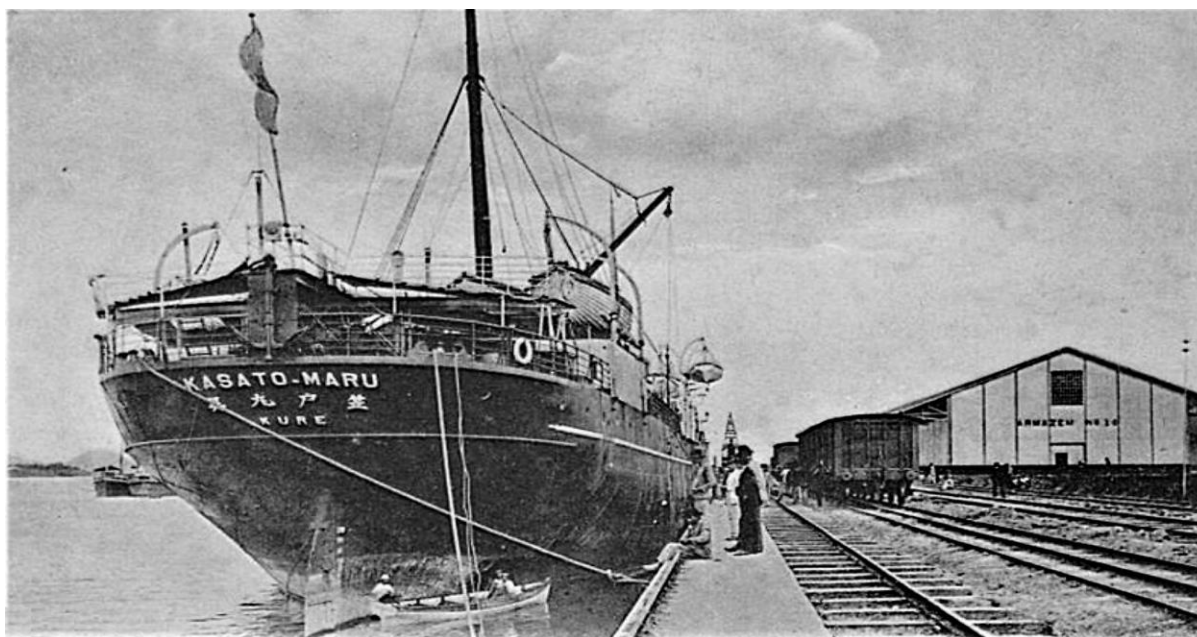
Figura 1 – Cartaz de recrutamento de imigrantes japoneses.

⁴⁹⁹ GONÇALVES, 2013. p. 292.



Japão em 1895 e a criação da Companhia Imperial de Imigração⁵⁰⁰ lançaram as bases para que imigrantes japoneses pudessem vir trabalhar nas lavouras de café, o que só passou a ocorrer efetivamente a partir de 1908. Neste ano, chegaram a Santos os primeiros 781 imigrantes, dando início a um processo pelo qual cerca de 240 mil pessoas viriam para o Brasil, atraídas pela promessa de melhores condições de vida.⁵⁰¹ Este contingente deu origem à maior comunidade japonesa fora do Japão, estimada em 1.4 milhões de imigrantes e descendentes.⁵⁰²

Figura 2 – Kasato Maru em Santos (SP).



⁵⁰⁰ *Kokoku Shokumin Kaisha*, empresa fundada no Japão para incentivar a emigração para o exterior. Inicialmente concentrou seus esforços na emigração para os Estados Unidos (Havaí e Califórnia) e Peru, mas com as restrições apresentadas por estes países, foram iniciadas as negociações com o governo brasileiro para que este acolhesse imigrantes japoneses.

⁵⁰¹ MOTOYAMA, 2008, p.137.

⁵⁰² Estima-se que cerca de 1,4 milhão de brasileiros sejam descendentes de japoneses, sendo perto de 80% deles no Estado de São Paulo e aproximadamente 360 mil na cidade de São Paulo (MOTOYAMA, 2008. p. 137).



4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRÁSILIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

O cenário que esperava os imigrantes era bem diferente do divulgado pelos recrutadores das companhias de imigração.⁵⁰³ As péssimas condições de trabalho e habitação nas fazendas de café haviam levado países como a Itália e a Espanha a proibir a emigração de seus cidadãos para o Brasil. Além de receberem os piores lotes dos cafezais, os imigrantes japoneses tiveram que enfrentar a falta de higiene, as diferenças na alimentação e as dificuldades na comunicação. Além disso, a baixa remuneração mal permitia que fossem pagas as contas do armazém da fazenda, o que tornava cada vez mais distante o sonho de ganhar dinheiro e regressar ao Japão.

Apesar das dificuldades, agravadas ainda mais durante a Segunda Guerra Mundial, os imigrantes japoneses conseguiram aos poucos consolidar-se no Brasil, deixando as lavouras de café para dedicar-se ao plantio de frutas e hortaliças ou para exercer o comércio nas cidades. Este processo de urbanização, aliado à ascensão social e ao sucesso profissional das novas gerações, agregou novas perspectivas à imagem da comunidade *nikkei*, com as figuras do comerciante e do profissional liberal assumindo um lugar em sua narrativa, ao lado dos agricultores.

A preservação das tradições trazidas do Japão, característica dos primeiros tempos da imigração, flexibilizou-se com a aquisição de hábitos e costumes locais, gerando uma nova modalidade de cultura que mesclava elementos japoneses e brasileiros, o que contribuiu para o desenvolvimento de uma identidade própria para os *nikkeis*.⁵⁰⁴

Diversos mecanismos concorreram para a construção dessa identidade e a formulação de uma narrativa sobre a origem da comunidade. Segundo Matunaga (2016), a vinda para o Brasil reuniu imigrantes de diferentes classes sociais e perfis educacionais, colocando em segundo plano distinções

⁵⁰³ DAIGO, 2008. p. 20.



culturais como os dialetos e costumes provinciais.⁵⁰⁵ Esse processo de homogeneização, decorrente da necessidade de apoio mútuo diante das dificuldades do novo ambiente, levou à criação de associações para reforçar os laços internos da comunidade, com a realização de eventos culturais, educacionais e esportivos, além de ações de caráter social, econômico e assistencial, muitas das quais perduram ainda hoje.

Nesse contexto, os museus tiveram um papel de destaque ao registrar e divulgar esta narrativa, reforçando os valores e memórias coletivas que compõem o imaginário dos tempos heroicos da imigração e fundamentando a identidade da comunidade *nikkei* e seu espaço na cultura e sociedade brasileiras.

MUSEUS E SEU PAPEL

Para discutir o papel dos museus na preservação e disseminação da memória da comunidade *nikkei*, é necessário formular um entendimento inicial do conceito de museu e suas funções. Segundo o historiador francês Dominique Poulot, o museu tem como funções colecionar, conservar, estudar, interpretar e expor objetos que possuam significado histórico, artístico, social e cultural.⁵⁰⁶ Na definição formulada pelo museólogo francês Georges-Henri Rivière, o museu é

⁵⁰⁴ DAIGO, 2008, p. 67.

⁵⁰⁵ MATUNAGA, 2016, p.16.

⁵⁰⁶ POULOT, 2013. p. 22.



[...] uma instituição a serviço da sociedade que adquire, conserva, comunica e expõe com a finalidade de aumentar o saber, salvaguardar e desenvolver o patrimônio, a educação e a cultura, bens representativos da natureza e do homem.⁵⁰⁷

A partir de 1970, a concepção tradicional de museus, divididos em museus históricos, de arte e de ciências, passou a ser ampliada pela corrente da Museologia Social e a criação de instituições com foco nas necessidades da comunidade, cujo acervo era concebido, reunido e divulgado com o objetivo de propiciar o desenvolvimento local.⁵⁰⁸ Entre estas novas modalidades de museu, encontramos o museu comunitário, que, na definição do ICOM,

[...] pode participar do movimento mais amplo dos museus de sociedade, é mais diretamente ligado ao grupo social, cultural, profissional ou territorial que ele apresenta e que é levado a animar. [...] As questões que ele debate referem-se diretamente ao funcionamento e à identidade dessa comunidade; este é o caso particularmente dos museus de vizinhança ou dos ecomuseus.⁵⁰⁹

Um outro aspecto relativo aos museus é o conceito de patrimônio. Inicialmente, a noção de patrimônio abrangia “essencialmente o conjunto de bens imóveis, confundindo-se geralmente com a noção de monumentos históricos”.⁵¹⁰ Recentemente, ganhou força o conceito de patrimônio cultural imaterial, também incluído entre os bens conservados pelos museus. A Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, proposta pela Unesco em 2003, considera como patrimônio cultural imaterial

⁵⁰⁷ DESVALLÉES, 2013, p.63.

⁵⁰⁸ DESVALLÉES, 2013, p.63.

⁵⁰⁹ DESVALLÉES, 2013, p.91.

⁵¹⁰ DESVALLÉES, 2013, p.73.



[...] as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.⁵¹¹

OS MUSEUS DA COMUNIDADE *NIKKEI*

A preocupação com a preservação da memória da imigração japonesa em instituições museológicas é mais destacada no Estado de São Paulo, entre as áreas com maior concentração de imigrantes e descendentes. Dos 12 museus ligados à imigração japonesa, apenas 3 situam-se em outros estados, refletindo a concentração geográfica da comunidade *nikkei* no sudeste do Brasil.⁵¹²

Os museus da comunidade *nikkei* são museus históricos, ou seja, destinados a conservar, pesquisar, expor e comunicar objetos e imagens relativas à história da imigração japonesa. Contudo, ao atuar sobre um determinado segmento da sociedade, agindo como elemento aglutinador da comunidade e disseminando valores e tradições originárias da cultura japonesa, apresentam também características de um museu comunitário.

O patrimônio cultural imaterial é contemplado nos museus da imigração japonesa nas ações de disseminação de práticas tradicionais, como as artes marciais e o idioma japonês. Depoimentos em

⁵¹¹ BRASIL, 2013. p. 91.

⁵¹² São nove museus em São Paulo, dois no Paraná e um no Pará (www.imigracaojaponesa.com.br).



vídeo, registros escritos deixados pelos primeiros imigrantes e relatos da história de cada família, também fazem parte do acervo.

Outro papel dos museus refere-se ao acervo de obras de artistas plásticos de origem japonesa. As artes plásticas passaram a representar um poderoso vetor na representação e disseminação da cultura *nikkei*, seja no registro da vida cotidiana dos primeiros imigrantes, seja na influência que artistas japoneses ou descendentes exercem no panorama da arte moderna e contemporânea brasileira.

Alguns dos edifícios que abrigam os museus tem um significado histórico para a comunidade *nikkei*, por representar um momento em que os imigrantes deixaram de ser trabalhadores contratados e passaram a cultivar suas próprias terras e a criar empresas e cooperativas para beneficiar e comercializar sua produção. Exemplo disso são os museus localizados nas cidades paulistas de Registro e Mogi das Cruzes, cujos edifícios foram tombados por órgãos de patrimônio histórico.

O estudo de três instituições culturais: Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, Pavilhão do Chá e Conjunto Arquitetônico Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha (KKKK)⁵¹³, com diferentes histórias, objetivos e perfis museológicos, permite uma análise de sua contribuição para a preservação da história e da cultura da comunidade *nikkei* do estado de São Paulo.

Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil

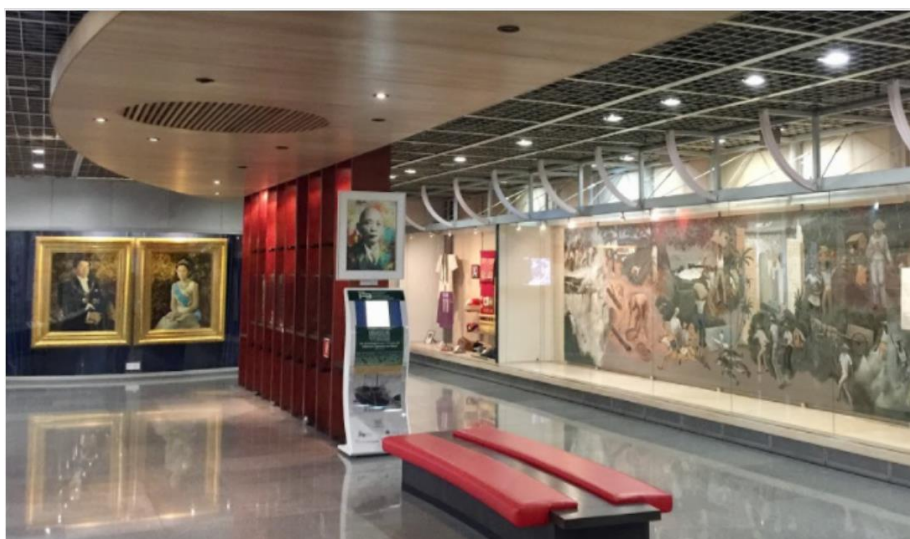
⁵¹³ Companhia Ultramarina de Desenvolvimento, em português. Empresa criada no Japão para estimular a emigração para o Brasil.



O Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, localizado no bairro da Liberdade⁵¹⁴, em São Paulo, foi inaugurado no dia 18 de junho de 1978, comemorando os 70 anos da chegada dos primeiros imigrantes ao Brasil. Sobre a criação do museu, Motoyama menciona que

O objetivo da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa (Bunkyo-SP), responsável pela iniciativa, foi o de registrar e preservar tudo o que pudesse contar a vida dos imigrantes japoneses no Brasil, desde sua chegada aqui, passando por sua adaptação ao modo de vida de uma sociedade ocidental – bem diferente da japonesa! – e a sua evolução até a completa integração nos dias de hoje.⁵¹⁵

Figura 3 - Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, em São Paulo (SP).



⁵¹⁴ O bairro da Liberdade, situado no centro de São Paulo, foi o ponto de maior concentração de imigrantes japoneses e seus descendentes desde o início do processo de migração destes para as cidades. Ainda hoje mantém uma significativa presença de lojas, restaurantes e mobiliário urbano associados à comunidade *nikkei*.

⁵¹⁵ MOTOYAMA, 2008, p.133.

O museu é o maior entre todas as instituições voltadas para a memória da imigração japonesa, tanto em área de exposição quanto em tamanho do acervo. São quase 1.600 m² divididos em três andares, além de um andar voltado para a área administrativa e reserva técnica, com um total de 5 mil objetos, 28 mil documentos impressos e manuscritos e cerca de 10 mil fotos.⁵¹⁶

O percurso expositivo inicia-se com a assinatura do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Japão em 1895 e os primeiros contatos entre autoridades brasileiras e japonesas para iniciar o processo de imigração. Após percorrer uma galeria com fotos de imigrantes, reproduções de documentos de viagem e modelos dos navios utilizados, o visitante encontra a réplica de uma habitação utilizada pelos recém-chegados japoneses. Sua construção rústica mostra as dificuldades da vida nas fazendas de café para onde foram os primeiros imigrantes. A diferença em relação ao ambiente que conheciam no Japão é intensificada com a presença de animais empalhados, típicos da fauna brasileira no início do século XX.

Mais adiante, o visitante conhece as precárias ferramentas utilizadas pelos imigrantes em sua produção agrícola e os aspectos culturais da vida na época, com objetos ligados à prática de esportes como o judô, kendô e sumô, além de imagens do imperador, instrumentos musicais e utensílios domésticos.

A segunda parte da exposição reúne objetos ligados à migração dos japoneses e seus descendentes para as cidades, com a ocupação de regiões como o bairro da Liberdade e a abertura de

⁵¹⁶ MOTOYAMA, 2008. p. 134.



4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços. O surgimento de uma classe média japonesa e os primórdios de sua integração na sociedade brasileira são subitamente interrompidos com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, que colocou a comunidade *nikkei* na condição de inimigos do Brasil e sujeitos a diversas proibições e restrições em seus direitos. O período da guerra é apresentado no museu como um túnel escuro, do qual a comunidade emerge, nos anos 50, para retomar suas atividades e reocupar seu espaço na sociedade.

A terceira parte da exposição apresenta o período do pós-guerra, mostrando o reatamento de relações entre Brasil e Japão, a retomada da imigração, as mudanças na comunidade *nikkei* e o processo de retorno dos descendentes para o Japão como trabalhadores decasségui,⁵¹⁷ refazendo em sentido contrário o caminho seguido por seus pais e avós.

O museu desenvolveu recentemente o projeto *Ashiato*,⁵¹⁸ visando a recuperação dos registros dos dados de cerca de 220 mil imigrantes, com seus nomes, local de origem no Japão e de destino no Brasil. Foi um trabalho que envolveu uma grande quantidade de voluntários da comunidade *nikkei*, desde os idosos ainda capazes de ler e entender os ideogramas, algumas vezes arcaicos, em que os registros foram efetuados, até os mais jovens, com maior familiaridade com a informática.⁵¹⁹ O banco de dados resultante deste projeto constitui um valioso patrimônio imaterial da comunidade *nikkei*, permitindo a todos os descendentes de japoneses encontrar suas raízes e conhecer a história de sua família.

⁵¹⁷ Decasségui, em japonês, significa aquele que deixa seu local de residência para trabalhar em outra região. No Brasil, o termo aplica-se aos descendentes de japoneses até a 3ª geração, que desde 1989 podem solicitar autorização para trabalhar no Japão em serviços de baixa qualificação, por um período determinado.

⁵¹⁸ Pegadas ou rastros, em português.

⁵¹⁹ MOTOYAMA, 2018, p.136.



A importância e amplitude do acervo do museu, potencializadas pela sua vinculação à Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social, o tornam a principal referência na preservação da memória da comunidade dos japoneses e seus descendentes em São Paulo.

CASARÃO DO CHÁ

Figura 4 – Casarão do Chá em Mogi das Cruzes.



A região de Mogi das Cruzes, no interior paulista, destaca-se pela produção de hortifrutigranjeiros, aproveitando sua proximidade com as áreas metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro. Essa atividade foi desenvolvida principalmente por imigrantes japoneses que para lá se deslocaram após cumprir seus contratos nas fazendas de café, atraídos pela possibilidade de estabelecerem-se como pequenos proprietários, com melhores condições de vida e de remuneração. Entre estes imigrantes, destacam-se as figuras do engenheiro agrônomo Fukashi Furihata, que



4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRÁSILIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

introduziu a cultura do chá na região, e Kazuo Hanaoka, construtor do edifício de armazenagem e beneficiamento conhecido como o Casarão do Chá.

Na construção do Casarão do Chá, o construtor Hanaoka empregou técnicas da carpintaria tradicional japonesa, mas utilizando madeiras e outros materiais disponíveis na região. Conforme texto explicativo da Associação Casarão do Chá, mantenedora do edifício,

O Casarão do Chá é uma construção única no país. Segundo o professor doutor Kunikazu Ueno, responsável pelo parecer técnico emitido para efeito de restauração do Casarão em 1998, o aspecto mais interessante deste edifício é que o carpinteiro Hanaoka o construiu de acordo basicamente com o conceito tradicional japonês, exceto pelo emprego de treliças no lugar de vigas horizontais. Tal estrutura mista só é possível considerando-se que o carpinteiro dominava tanto o sistema construtivo japonês como o europeu, do qual tinha provavelmente noções elementares. A ideia do carpinteiro de mesclar os dois conceitos estruturais é única, e pode ser fruto da cultura de imigração, admitindo-se tal conceito. Creio que existem vários tipos de cultura de imigração no Brasil, e que o Casarão do Chá é um edifício típico do contato entre o Japão e o Brasil.⁵²⁰

O resultado foi um edifício com projeto japonês e materiais locais, como troncos de eucalipto, telhas francesas e paredes de taipa, formando um conjunto que ainda hoje desperta a atenção dos estudiosos.

⁵²⁰ ASSOCIAÇÃO CASARÃO DO CHÁ, s.d.



[...] o Casarão do Chá suscitou algumas indagações: como uma instalação de programa arquitetônico fabril (beneficiamento e empacotamento de chá), localizada na área rural de Mogi das Cruzes, pôde ostentar elementos formais emprestados de castelos e templos japoneses e adotar um sistema construtivo característico do Japão? ⁵²¹

O Casarão foi construído em 1942 e utilizado para o beneficiamento do chá até 1968, quando a indústria encerrou suas atividades. Passou então a ser usado como depósito, o que causou a degradação de seu estado de conservação. Em 1982 o prédio foi tombado pelo patrimônio estadual, e em 1984 pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN). Em 2003 a Associação Casarão do Chá iniciou suas atividades culturais no local.

Atualmente o Casarão do Chá é um espaço musealizado, com a abertura de suas instalações para visitas. Apesar da cultura do chá ter perdido sua importância econômica, o Casarão mantém a memória dessa atividade, com exposições sobre o processo de produção, sessões de degustação e demonstrações da cerimônia do chá. Também é utilizado como espaço cultural, realizando atividades como exposições e cursos de arte e artesanato, sempre com alguma vinculação com a cultura japonesa mas frequentadas por toda a comunidade, sendo um importante disseminador da memória da indústria do chá e da imigração japonesa na região.

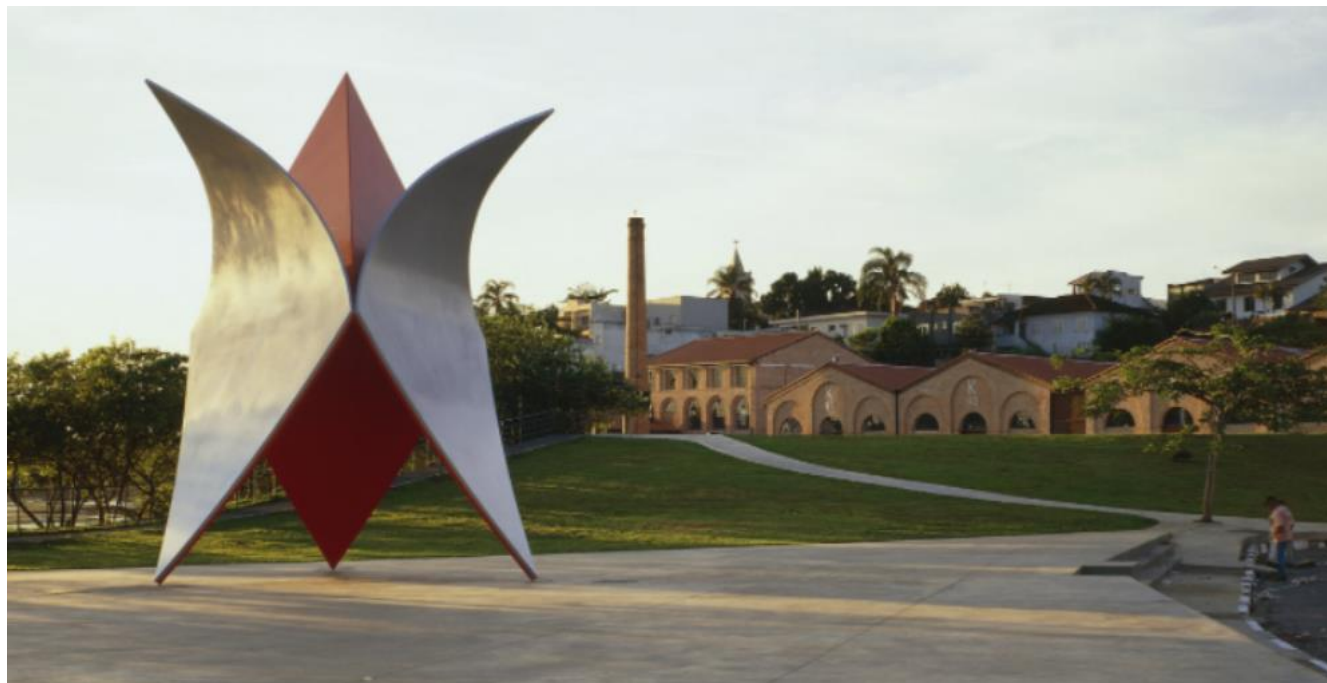
Conjunto Arquitetônico KKKK

⁵²¹ KUNIYOSHI, 1984, p.10.



A colonização japonesa na região do Vale da Ribeira ocorreu de forma diferente dos demais locais. Em 1912 foi firmado um convênio entre o governo estadual e a KKKK, com a finalidade de trazer imigrantes para desenvolver a cultura do arroz na região sul do Estado de São Paulo.

Figura 5 – Conjunto KKKK em Registro (SP).



Embora os primeiros imigrantes tenham chegado à região em 1913,

A construção do conjunto arquitetônico KKKK teve início em 1919, e era composto por 4 armazéns com mais de dois mil metros quadrados e um edifício com instalações de engenho de beneficiamento de arroz. Apesar de ser um marco da imigração japonesa o edifício tem pouco a ver com a arquitetura nipônica, que inclusive inspirou muita das construções ao redor do complexo no mesmo período. O projeto original teria vindo



do Japão, contudo evidencia a típica arquitetura inglesa do início do século XX que se utilizava dos tijolos e telhas de barro, material abundante devido à produção oleira no Vale do Ribeira. A estrutura de ferro que sustenta o prédio foi importada da Inglaterra assim como a máquina de beneficiamento de arroz com a capacidade de produção de 14,400kg (240 sacos) de arroz por dia.⁵²²

O Conjunto Arquitetônico KKKK foi tombado em 1987 pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat). O tombamento visou converter as antigas instalações de beneficiamento de arroz da empresa em um patrimônio da comunidade *nikkei* local, assegurando sua preservação e uso pelas gerações futuras. Hoje o espaço abriga o Museu da Imigração Japonesa e o Museu da Mata Atlântica.

A Associação Cultural Nipo-Brasileira de Registro, responsável pelo museu, teve um papel destacado na constituição do acervo, por meio de doações de objetos da própria comunidade e da solicitação de peças de artistas nipo-brasileiros. O retorno dessas campanhas de doação foi tão grande que houve a necessidade de constituir uma reserva técnica para lidar com os objetos que estão fora da exposição. Uma pesquisa feita sobre o Conjunto KKKK constatou que

[...] a comunidade japonesa de Registro tem participado ativamente nas atividades culturais realizadas no espaço externo do Conjunto KKKK, como por exemplo a *Tooro Nagashi* – uma festividade de origem japonesa que homenageia os mortos. Além disso, ela também esteve presente na campanha de doação para a composição do acervo do

⁵²² O VALE DO RIBEIRA, s.d.



Memorial, mostrando muito interesse em preservar a memória da sua história para as gerações futuras.⁵²³

A mesma pesquisa constatou que a quantidade de visitantes no conjunto KKKK nos período de festividades da comunidade *nikkei* local, como o *Obon Odori* (agosto) e *Tooro Nagashi* (novembro).⁵²⁴ Esse fato demonstra o papel relevante do museu na preservação do patrimônio cultural imaterial, além da integração de pessoas que não fazem parte da comunidade *nikkei* e de residentes em outras cidades.

O Conjunto KKKK preserva um capítulo importante da história da imigração japonesa no Vale do Ribeira, além de ser um elemento aglutinador da comunidade *nikkei* de Registro e de atrair outros segmentos interessados na cultura japonesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar o papel dos museus na construção e no fortalecimento de uma identidade própria para a comunidade *nikkei*, é possível entender a importância destas instituições não como meros depositários de objetos, mas sim como espaços privilegiados para a criação de valores e compartilhamento de memórias, permitindo que a herança cultural dos imigrantes japoneses seja mantida, absorvida e transformada pelas novas gerações de descendentes e pelo conjunto da sociedade.

⁵²³ SUDA, 2006. p.9.



A existência dos museus mantém viva a conexão das novas gerações com seus ancestrais que emigraram do Japão para o Brasil e permite que conheçam o percurso e as dificuldades que seus antepassados enfrentaram. Contudo, a crescente integração dos descendentes e o distanciamento das novas gerações tornaram mais difusos os laços da comunidade. Por outro lado, há maior interesse pela cultura japonesa por pessoas sem origem nipônica, especialmente os mais jovens, como pode ser observado nos eventos realizados por instituições da comunidade *nikkei*, como escolas, clubes e templos. Estes movimentos trazem para os museus da imigração japonesa a necessidade de redefinir seu papel, seu público e seu discurso museográfico, de forma a contribuir para manter viva a lembrança de um momento histórico relevante não somente para a comunidade *nikkei*, mas para todos os brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO CASARÃO DO CHÁ. **O Casarão do Chá**. Disponível em: casaraodocha.org.br. Acesso em: 03 ago. 2019.

BRASIL. **Legislação sobre Museus**. Brasília: Câmara Federal, 2013.

DAIGO, M. **Pequena história da imigração japonesa no Brasil**. São Paulo: Associação para Comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, 2008.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: ICOM, 2013.

⁵²⁴ O *Obon Odori* e o *Tooro Nagashi* são festividades de origem budista, que visam homenagear os espíritos dos ancestrais.



JAPANESE AMERICAN NATIONAL MUSEUM. What is Nikkei? Disponível em: discovernikkei.org/en/about/what-is-nikkei. Acesso em: 03 ago. 2019.

KUNIYOSHI, Celina; PIRES, Walter. **Casarão do Chá**. São Paulo: Condephaat, 1984.

MATUNAGA, Alcides Tetsuo. **A construção da territorialidade Nikkei no Brasil**. Revista Brasileira de Iniciação Científica v. 3, n. 5. Itapetininga: FAPESP, 2016.

MOTOYAMA, Shozo. **O Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil**. Revista Comunicação & Educação, Ano XIII, no. 3. São Paulo: Universidade de São Paulo – Escola de Comunicação e Artes, 2008.

O VALE DO RIBEIRA. **A História do KKKK**, disponível em ovaledoribeira.com.br/2012/12/a-historia-do-kkkk-em-registro-sp.html. Consultado em 03 ago. 2019.

POULOT, Dominique. **Museu e Museologia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SUDA, Adriana; OLIVEIRA, Eduardo R. **O Conjunto KKKK (Registro - SP) e a cultura imigrante japonesa**. Anais do XVIII Encontro Regional de História. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006.

Imagens

Figura 1 - Cartaz de recrutamento de imigrantes japoneses para o Brasil. Disponível em: media.discovernikkei.org/articles/4140/timeline%201924--JP10_sm.jpg. Acesso em 03 ago. 2019.

Figura 2 – Kasato Maru em Santos (SP) – Disponível em: museubunkyo.org.br/fotos/index.html. Acesso em: 08 jul. 2019.

Figura 3 – Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, em São Paulo (SP) – imagem do autor.



Figura 4 – Casarão do Chá em Mogi das Cruzes (SP) – Disponível em [youtube.com/watch?v= hkhPCgL-vqk](https://www.youtube.com/watch?v=hkhPCgL-vqk). Acesso em: 08 jul. 2019.

Figura 5 – Conjunto KKKK em Registro (SP) – Disponível em: [brasilarquitectura.com/ img/18/l/jpeg/ projetos/brasilarquitectura-06jpg.jpeg](http://brasilarquitectura.com/img/18/l/jpeg/projetos/brasilarquitectura-06jpg.jpeg). Acesso em 08 jul. 2019.

